

4. Conclusão

Francis Hallawell, o Chico da BBC, realizou um trabalho inédito como correspondente radiofônico durante a Segunda Guerra Mundial. Na minha opinião, mesmo sem prática jornalística, ele desempenhou bem esse papel. Tornou-se uma referência no Brasil e, especificamente, no Serviço Brasileiro da BBC, entre jornalistas mais experientes. Deixou uma marca e um apelido carinhoso que passou a defini-lo como uma pessoa carismática, simpática, solidária, e que levantava o astral dos soldados. Tanto isso é verdade que depois da guerra Hallawell ganhou medalhas do Exército brasileiro e o reconhecimento do governo britânico, do qual recebeu uma comenda importante, a OBE (*Order of the British Empire*).

O convívio com Rubem Braga e Joel Silveira na Itália – jornalistas que já exerciam a profissão no Brasil antes da guerra – fez com que Chico da BBC aprendesse também a escrever crônicas sobre o cotidiano dos soldados. Seus textos eram caracterizados pela leveza e pelo bom humor. Chico não brilhou tanto quanto Braga, ainda hoje considerado um dos melhores cronistas brasileiros. Mas também teve seu valor. Buscou e encontrou personagens de várias camadas sociais para ilustrar as irradiações. Tanto podia conversar com um soldado que não sabia falar bem o português, respeitando suas limitações, quanto extrair revelações curiosas de um pracinha rico e excêntrico que perdia seus apetrechos no meio do caminho. Chico gostava de citar a Bíblia e de elogiar a BBC, estação que o enchia de orgulho.

O prestígio de Francis Hallawell estava relacionado também à força da BBC, conhecida no Brasil e em vários outros países por sua imparcialidade. Como citei no capítulo 1, a emissora inglesa era bastante diferente da Rádio Nacional e de outras estações brasileiras, muito vigiadas pelo DIP. Houve, inclusive, uma tentativa do DIP de censurar o noticiário que o Serviço Brasileiro da BBC enviava para o Brasil. Mas a ordem foi devidamente rechaçada pela direção inglesa, o que aumentou o prestígio de Chico da BBC entre seus pares e reduziu o enorme poder de fogo do Estado Novo.

A BBC se diferenciava das rádios alemãs e italianas presentes no Brasil em ondas curtas justamente por sua programação cultural democrática e liberal. Já na Europa em guerra, enquanto os ingleses tentavam fazer um jornalismo isento, os alemães optavam por conclamar as massas, repetir incessantemente mensagens que glorificavam as conquistas nazistas e ridicularizavam as forças armadas aliadas.

Chico da BBC viveu esse cotidiano radiofônico. Ao mesmo tempo, realizou um trabalho bem diferente do de Thomas Mann. Famoso escritor alemão que havia se exilado nos Estados Unidos, contratado pela BBC, Mann falava a seus compatriotas sobre as mentiras da máquina nazista e os absurdos da perseguição aos judeus. Ele citava diretamente o *Führer* e não poupava críticas ao regime. Chico da BBC nunca levantou essas bandeiras, talvez pelo rígido controle de informações na Itália.

Em seu trabalho radiofônico, Chico da BBC só conseguiu ser tão explícito quando montou, ainda em Londres, um programa infantojuvenil chamado “As aventuras de Fred Perkins”. Interpretando o personagem principal, um correspondente de guerra que sai em busca da verdade, Hallawell deu vazão ao seu lado artístico ganhando ares de super-herói. Para mim, trata-se de um programa datado, mas reconheço que houve um grande esforço para fazer efeitos especiais que são interessantes e criativos ainda hoje. Além disso, não deixava de ser um questionamento válido: afinal, é possível dizer a verdade durante a guerra?

Ao receber a missão de enviar diariamente um texto ou uma crônica para Londres, o correspondente decidiu contratar, sem remuneração, os profissionais que estavam com ele na retaguarda. O trabalho extra foi aceito porque os jornalistas o admiravam. Chico da BBC pôde assim contar com ótimo material em seus programas.

Na imprensa brasileira, tanto Joel Silveira quanto Rubem Braga fizeram referências a Chico da BBC. Ora o amigo aparecia conversando com soldados alemães, tentando extrair alguma informação importante, ora fazendo estatísticas para ver como andava a correspondência enviada para os soldados no campo.

No fim da guerra, quando outros correspondentes começaram a romper a censura acirrada do 5º Exército americano, do comando do Exército brasileiro e do DIP à distância, Chico da BBC ainda escrevia elogios rasgados ao general Mascarenhas de Moraes, comandante da FEB. Não sei até que ponto ele queria evitar uma polêmica. Parece que seguia à risca as ordens do general: os correspondentes não deveriam falar sobre política.

Chico da BBC produzia os programas no campo da Itália ao ar livre. Mesmo cronometrando os discursos do general Zenóbio da Costa ou combinando o que cada soldado iria dizer ao microfone, ele conseguia levar até os lares brasileiros a emoção dos homens que estavam distantes de casa, vivendo mal e de maneira perigosa em meio a explosões e mortes. Na época, o rádio era o principal meio de comunicação, e Chico da BBC soube tirar grande proveito da gravação da voz humana. Nos seus relatos não havia lugar para o lirismo puro e simples, marca registrada de Silvia de Bettencourt, a Majoy, que trabalhava na agência UP e que também colaborou com Chico da BBC.

Mesmo identificado com a cultura brasileira, Francis Hallawell cultivava suas raízes inglesas. A decisão de ir para a guerra, em 1941, a fim de lutar na Infantaria da Grã-Bretanha, era uma demonstração dessa ligação com as origens e um gesto de solidariedade. Sem preparo para a luta, acabou sendo convidado para trabalhar no Serviço Brasileiro da BBC. Lá, exerceu várias funções e, pelo visto, teve seu trabalho valorizado pela direção da emissora. Não foi possível descobrir se o convite para ser correspondente de guerra era uma promoção. Certamente foi um castigo para sua jovem esposa, Julienne, que queria viver o cotidiano do casamento ao lado do marido mesmo em Londres, em meio a racionamentos e sirenes.

Ao estudar o jornalismo produzido durante a guerra, tive como objetivo analisar as crônicas e os programas radiofônicos escritos por Chico da BBC. Discreto, o correspondente inglês no máximo criticou os brasileiros que achavam que estar na Itália era o mesmo que fazer turismo de graça. Sem ter condições de ir até a frente de batalha (precisava levar um carrinho de gravação), ao contrário de Rubem Braga, Chico da BBC se embrenhou por estradas poeirentas e

esburacadas, entrevistou soldados brasileiros que voltavam do *front* e alemães que se renderam no fim da guerra.

Os programas de rádio enviados por Chico da BBC para o Brasil não eram relatos realistas aprofundados, análises psicológicas do brasileiro lutando na guerra ou grandes reportagens. Em cada “retalho da vida” que registrava nas crônicas, abordava um determinado aspecto do cotidiano do soldado brasileiro. O correspondente também fazia programas especiais para Bento Fabião, pseudônimo de Geraldo Cavalcanti, que assinava o programa “Rádio-Magazine”, produzido no Serviço Brasileiro da BBC em Londres.

Chico da BBC pode ter sido mal interpretado ao gravar um programa musical de 34 minutos que contou com muitas participações especiais. Gravado em 1944, em Francolise, depois da vitória em Monte Castelo, a atração deu a entender que os soldados cantavam muito e lutavam pouco. O correspondente Thassilo Mitke considerou o julgamento injusto e chegou a criticar o filme de Sylvio Back, que reforçou essa atitude, anos mais tarde. Concordo com Mitke. Apesar da pouca qualidade das letras e da música, aquelas composições eram expressões legítimas de homens que tinham no rádio brasileiro e nos programas de calouros suas fontes de lazer e distração.

Ainda durante a guerra, Chico da BBC reclamou de uma notícia publicada em *O Cruzeiro do Sul* sobre um despacho que ele teria enviado a Londres. O editor do jornal se desculpou pela falha. Para mim, mostrou que o correspondente gostava de ver tudo em pratos limpos, sem dar espaço para interpretações equivocadas. Reconhecido como um amigo dos soldados ao preparar programas especiais para o Natal de 1944 e o Ano Novo, Chico da BBC também se emocionava. Muitas vezes ele se incluía no grupo dos soldados, usando a primeira pessoa do plural.

Nenhum correspondente recebeu a recompensa monetária prometida por Getúlio Vargas. Talvez por isso Chico da BBC tenha desistido de continuar como profissional da imprensa. Não recusou o pedido da BBC para organizar um livro com as principais crônicas radiofônicas, e deu mais de uma entrevista para

comemorar os aniversários do Serviço Brasileiro. Preferiu, porém, tornar-se empresário e acabou muito bem-sucedido financeiramente.

Mesmo distante das redações, manteve o convívio com o jornalista Thassilo Mitke, com o general Mascarenhas de Moraes e com outros militares, como o piloto Rui Moreira Lima. Não se aproximou mais de uma estação do rádio. O máximo que fez, no fim da vida, foi ceder seus acetatos para a Collector's, empresa que passou para fitas cassete e depois para CDs os trabalhos assinados por Chico da BBC. Dessa maneira, Francis Hallawell deixou para as novas gerações os seus trabalhos, que não existem nem mesmo na sede da BBC, em Londres.